

## Letramentos em contextos educativos

“Ser crítico é conhecer a diversidade” (CASSANY, 2010). Esta afirmação de Daniel Cassany, proferida nas III Jornadas Ibero-americanas sobre práticas de leitura e escrita e no II Fórum ibero-americano sobre letramentos e aprendizagem, ocorridos em novembro de 2010, Madri, Espanha, motiva-nos a apresentar a temática desse dossiê: letramentos em contextos educativos. Nosso objetivo é tornar públicos e aproximar resultados de vários trabalhos de pesquisa, seja no Brasil ou em outros países, que abram possibilidades de discussão crítica e consciente (GEE, 1999; LANKSHEAR et al. 2002) sobre relações existentes (ou que possam vir a existir) entre letramentos e os mais diversos contextos educativos.

Ao concebermos que há uma diversidade e uma pluralidade de práticas de letramento (GEE, 1999, 2001; LEA; STREET, 1998, 2006; BARTON e HAMILTON, 2000), os quais permitem usos de diferentes formas de linguagem em um mesmo ou diversificado(s) domínio(s) sócio-culturais, incluindo os escolares e acadêmicos, posicionamo-nos diante da conceituação de letramento em sua versão plural – letramentos. A exemplo, a imagem que ilustra a capa deste dossiê, sugere-nos, de forma significativa, a existência da diversidade de práticas letradas – escritas e orais – em um dado contexto social. Acreditamos, em concordância com os autores dos artigos deste dossiê, que a interface entre domínios sociais pode contribuir, e muito, em decisões e orientações de práticas de letramento em contextos educativos.

Em julho de 2009, as três organizadoras deste dossiê tiveram a oportunidade de juntas participarem do I Fórum Ibero-americano sobre letramentos, em Braga, Portugal, coordenado por uma delas: Maria de Lourdes Dionísio (Universidade do Minho). Nessa ocasião, a diversidade e a pluralidade de práticas de letramento se fez notar na voz de muitos pesquisadores, sejam elas advindas de experiências pedagógicas e/ou de trabalhos de pesquisa. Este evento, sem dúvida, impulsionou a organização deste dossiê, no intuito de dar continuidade a *um* diálogo (BAKHTIN, 2003 [1952-1953/1979], LILLIS, 2003) que está em construção.

No encerramento desse Fórum, Kris Gutierrez (2010), em sua fala “Promovendo o ensino transformativo através de textos sincréticos e letramentos sócio-críticos”, destacou a importância da (re)mediação – nova(s) forma(s) de mediação – em contextos educativos, em resposta a um modelo restrito de remediação. Segundo Gutierrez (2008; 2010), (re)mediar implica, dentre várias considerações, respeito e compreensão crítica às diferenças, aos conflitos, aos sujeitos, à historicidade das práticas letradas, a um projeto educativo com vistas à transformação, e privilégio no trabalho com textos sincréticos. Para complementar os resultados de Gutierrez aqui dispostos, Geraldi (2010, p. 5) realça desafios quanto à (re) mediação no ensino brasileiro. Segundo dizeres deste autor, “A centralidade das práticas exige outro enfoque: o que se vai aprender delas é que define o encaminhamento do ensino e este vai partir sempre não do que supostamente já se sabe, mas do que o aluno mostrou concretamente que sabe.”

Considerando, então, que tão diversos e tão plurais são os desafios em contextos educativos, quanto o são as práticas de letramento que constituem ou que podem vir a constituir estes contextos, apresentamos, aos leitores deste dossiê, doze artigos, de autores nacionais e internacionais. Estes artigos instigam além de reflexões sobre o funcionamento e sobre certas limitações em práticas letradas nos diferentes contextos educativos, contribuições e propostas ao ensino – especialmente à aprendizagem – decorrentes dessas diversas e plurais práticas de letramento.

Abrimos o dossiê com o artigo de Diana Masny (University of Ottawa) **“Multiple Literacies Theory: how it functions, what it produces”**. Esta autora propõe uma teoria diferente, a qual ela intitula de Teoria dos Múltiplos Letramentos. Esta é caracterizada ontológica e epistemologicamente por outras duas teorias: a dos Novos Estudos do Letramento e a dos Multiletramentos. O foco desta nova teoria recai sobre a natureza dos letramentos como processos. Neste sentido, a autora propõe o exame de letramentos de modo rizomático e propõe diferentes questões: como os letramentos funcionam?; como a leitura, a leitura do mundo e a leitura de si (do *eu*) têm impacto nas percepções dos sistemas de escrita de crianças multilíngues? e como percepções dos sistemas de escrita contribuem para a leitura, a leitura do mundo e de si? Para responder a essas questões, Masny realiza a análise de três vinhetas – exemplos de textos de crianças multilíngues de 6 e 7 anos – a fim de comprovar como a complexidade, a multiplicidade

e as diferenças, através dos múltiplos letramentos, transformam esses sujeitos em *outros*, ao lerem, ao lerem o mundo e a si próprios.

O segundo artigo “**Aproximación a la literacidad crítica**”, escrito por Daniel Cassany e Josep M. Castellà (Universitat Pompeu Fabra), explora os conceitos de *letramento* e de *crítica*, analisa o campo semântico de ambos os conceitos, suas raízes filosóficas, pedagógicas e linguísticas, bem como analisa os vocábulos que os denominam em diferentes idiomas. Os autores apresentam a distinção teórica entre um leitor crítico e a-crítico, com apoio da análise de um panfleto político divulgado em Valência (Espanha). Como conclusão, os autores propõem que compreender criticamente requer i) situar o discurso no contexto sócio-cultural de origem; ii) reconhecer e participar da prática discursiva; bem como iii) identificar o motivo de um discurso em uma dada comunidade ou situacionalidade.

Ângela Kleiman (UNICAMP) nos apresenta “**Trajetórias de acesso ao mundo da escrita: relevância das práticas não escolares de letramento para o letramento escolar**”. Neste artigo, a autora discute aspectos do letramento escolar e destaca implicações desta concepção ao ensino e à pesquisa. Considerando este tema, Kleiman dispõe aos leitores ricas resenhas de pesquisas desenvolvidas no grupo de pesquisa Letramento do professor. Essas resenhas dizem respeito a dois eixos de trabalho neste grupo: i) exame de contextos educativos, por meio de projetos de letramento, que reproduzem situações de uso da escrita na vida social; ii) identificação de práticas de letramento locais, e de trajetórias singulares de lideranças e agentes de letramento atuando às margens das práticas globais promovidas por instituições educativas legitimadas. Diante dos múltiplos resultados, a autora propõe que eles sejam concebidos como “ponto de partida para formular experiências de letramento escolar que favoreçam os alunos (inclusive os mais frágeis, do ponto de vista social e económico) e diminuam as dificuldades e tensões no processo de acesso ao universo da escrita”.

No quarto artigo, “**Discursos sobre a leitura: entre a unidade e a pluralidade**”, Cláudia Lemos Vóvio (Universidade Federal de São Paulo) traz até nós enfoques sobre leitura na perspectiva da unidade e da pluralidade. A autora destaca que a visão plural de leitura, sob a abordagem sócio-histórica e cultural, tem impulsionado o desenvolvimento de um modelo alternativo de letramento, e consequentes projetos, mais adequados aos significados das práticas letradas nas vidas das pessoas. Vóvio realça a importância

dos trabalhos desenvolvidos por Ângela Kleiman e o grupo de pesquisa Letramento do professor, os quais têm colaborado para estabelecer outros pontos de vista sobre a formação de leitores e sobre as identidades e práticas educativas de professores que se dedicam ao ensino da língua materna. A autora conclui o artigo apresentando-nos implicações às pesquisas sobre práticas de leitura e de leitores. A proposta é pela incorporação de uma duplicidade na orientação destas práticas, dirigida tanto à exterioridade, quanto à interioridade, a fim de desvelar não apenas práticas de leituras locais e/ou dominantes, como também sentidos e significados compartilhados na ação e identidades leitoras produzidas nas e pelas interações.

Roxane Rojo (UNICAMP), em **“Letramentos escolares: coletâneas de textos nos livros didáticos de Língua Portuguesa”** defende a importância de a escola possibilitar aos alunos a participação em várias práticas sociais que utilizam a leitura e a escrita (letramentos). Nessa perspectiva, a autora destaca que é preciso que a educação linguística leve em conta os letramentos da contemporaneidade: os multiletramentos ou letramentos múltiplos, os letramentos multissemióticos e os letramentos críticos e protagonistas. Em seguida, destina atenção aos letramentos e aos livros didáticos de Língua Portuguesa (LDP), a fim de discutir quais gêneros e esferas são privilegiados na escolha autoral/editorial que compõem as coletâneas de textos do LDP (1ª a 4ª séries, PNLD/2004 e 2007), e quais letramentos possibilitam-se desenvolver com estas escolhas para a composição das coletâneas. Como resultado final neste artigo, um alerta é deixado por Rojo: apesar de um avanço tímido na direção dos multiletramentos, considerando os letramentos escolares, com base no perfil das coletâneas de textos do LDP; “a escola ainda está longe de incorporar os letramentos requeridos na contemporaneidade.”

Abordagens relativas aos letramentos, especificamente às representações sociais sobre “ser professor de língua portuguesa”, bem como sobre concepções de linguagem que fundamentam a implantação do Ensino Fundamental de nove anos em contexto brasileiro são temas presentes nos próximos três artigos.

Juliana Alves Assis (Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais), em **“Saberes, valores e crenças sobre a prática docente no discurso do professor em formação”** analisa as representações sociais que orientam a ação docente de alunos em fase de conclusão do curso de Letras/Português e suas construções identitárias. As análises centram-se no discurso de uma

professora – aluna de Letras – após conduzir uma Oficina de leitura e produção escrita, em sessão de auto-confrontação simples. Nesta sessão emergem representações que orientam o agir da professora em sala de aula, as relativas aos objetos de ensino, aos alunos e ao seu papel na atividade desenvolvida. Com base nos resultados obtidos, a autora apresenta-nos implicações desses dados à formação de futuros professores: levá-los a “se ver de fora”, a falar de si, de seu agir, suas certezas, seus medos e dilemas, em um confronto consigo mesmo e com outras vozes presentes em sua memória.”

As representações do agir docente, com acréscimo aos efeitos dessas representações acerca da gestão de práticas de linguagem em sala de aula, também integram o artigo de Maria Ângela Teixeira Lopes (Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais), **“Saberes e representações: práticas de letramento em aulas de língua materna”**. Para analisar as representações construídas e projetadas por três professoras de língua portuguesa, atuantes nas redes municipal, estadual e particular de ensino, a autora discute dados referentes às práticas de linguagem desenvolvidas por estas professoras que “ora se assentam em modelos prefigurados” e “ora se abrem para intervenções mais autônomas”. Logo, a interface entre ações didáticas e discursos dessas professoras, segundo Lopes, não apenas fornecem pistas sobre a construção identitária delas frente ao fazer pedagógico, mas também sobre as concepções que orientam decisões metodológicas por elas realizadas na didatização dos objetos de ensino.

Em **“Alfabetização e letramento no cenário escolar: compreensões de gestores educacionais”**, Otilia L. de O. M. Heinig (Universidade Regional de Blumenau), parte de concepções enunciadas por gestores escolares, no Estado de Santa Catarina, para analisar relações estabelecidas entre alfabetização e letramento, as suas implicações no fazer pedagógico e na organização curricular no processo de implantação do Ensino Fundamental de nove anos no Brasil. Segundo Heinig, “os dizeres dos gestores revelam um momento de conflito e indecisão quanto às discussões e decisões” em torno desse novo processo no ensino brasileiro. Resultados distintos emergem, sejam eles relativos a tentativas já bem sucedidas, bem como desafios quanto às orientações teórico-metodológicas que estão embasando esse processo. Como fechamento, a autora destaca que a lei que rege a implementação do Ensino Fundamental de nove anos surgiu, “mas ainda há muitos esclarecimentos para serem feitos e muitas dúvidas para serem dirimidas.”

Com foco no Ensino Superior, assim como já apresentados os estudos de Assis e Lopes, os artigos que seguem discutem questões sobre os letramentos em contextos acadêmicos, com apoio da análise de gêneros.

Brian Street (King's College, London University) discute as **“Dimensões escondidas na escrita de artigos acadêmicos”** entre pós-graduandos em nível de doutorado. Primeiramente, o autor dispõe abordagens teóricas acerca da escrita acadêmica no Ensino Superior, com destaque para o modelo dos letramentos acadêmicos. Estas abordagens dão suporte a um modelo (disposto em forma de uma tabela) por ele elaborado, juntamente com doutorandos, em que aparecem vários aspectos relativos às dimensões escondidas na produção de artigos acadêmicos. O autor explica como este modelo foi utilizado em sala de aula e as implicações a alunos em uma fase inicial de escrita da tese de doutorado. Para complementar os dados relatados sobre as práticas transcorridas em sala de aula, em torno das dimensões escondidas na escrita de artigos acadêmicos, Street dispõe comentários de uma das alunas, os quais realçam a validade do modelo.

No décimo artigo do dossiê, **“Letramento acadêmico e as construção de sentidos nas leituras de um gênero”**, Adriana Fischer (Universidade do Minho) e Nilcéa L. Pelandré (Universidade Federal de Santa Catarina) caracterizam como diferentes formas de leitura situada do gênero crônica jornalística contribuem para que alunos iniciantes de um curso de Letras se assumam *insiders* em contexto acadêmico. Com base no modelo dos letramentos acadêmicos, proposto por Brian Street e outros autores, Fischer e Pelandré apresentam e discutem movimentos dialógicos de duas alunas do curso em questão, e respectivos sentidos, como parte de eventos nomeados reflexivo-transformativos, incluindo leitura, produção e análise linguística do gênero. O construto singular a que se chega, por meio das análises realizadas, e na direção de explicitar os modos de constituição letrada dos alunos, caracteriza o “modelo dialógico dos letramentos acadêmicos”.

Com foco na escrita de memoriais de professores em formação inicial (alunos de um curso de Letras), Jane Q. G. Silva (Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais), no seu artigo **“O memorial no espaço da formação acadêmica: (re)construção do vivido e da identidade”**, põe em cena a atuação de sujeitos que refletem sobre si e seus saberes profissionais. A autora defende que na atividade de produção desse gênero, narrar memórias pressupõe ações autorreflexivas e autobiográficas, assim como refrata injunções

sociais e históricas pelas quais os sujeitos sofrem e/ou convivem no processo de sua formação social. Nessa direção, Silva conclui que, por meio dos memoriais, sob ações metacognitivas e metadiscursivas, os professores em formação elaboram e manifestam o seu saber dizer e seu fazer científicos, deixando entrever modos particulares de constituição da identidade.

Partindo do processo de constituição dos gêneros discursivos, a partir da noção teórica central de *relações intergenéricas*, o artigo de Manoel L. G. Corrêa (Universidade de São Paulo) – **“Encontros entre prática de pesquisa e ensino: oralidade e letramento no ensino da escrita”** – fecha esse dossiê com a proposta que certamente move todos os autores e trabalhos já aqui apresentados: viabilizar encontros entre prática de pesquisa e ensino. O autor investiga tanto o uso de provérbios parodiados na internet e em redações de vestibular, quanto o uso de temporalidades de diferentes ordens no processo de constituição dessas redações. Conforme propõe Corrêa, “o tratamento da escrita *em termos de práticas e de contextos de uso* permite observar o processo de constituição dos gêneros do discurso e da própria escrita dos estudantes.” Dessa forma, se as dificuldades de pré-universitários forem concebidas, por exemplo, como registros do processo de apropriação de um dado gênero de discurso e não, apenas, como marcas deficitárias, pode-se, por meio delas, chegar a dados da história de contato de quem escreve com o já-falado/escrito. Portanto, é nesse sentido que o autor realça a produtividade do encontro entre práticas de pesquisa e ensino.

Em vista da diversidade e da pluralidade de artigos e consequentes resultados reunidos neste dossiê, queremos agradecer a cada um dos autores pela valiosa contribuição e à Revista *Perspectiva* que aceitou tamanha proposta de divulgar esses inúmeros e produtivos trabalhos. Esperamos que muitos diálogos, muitos encontros e talvez futuras edições do Fórum sobre letramentos possam vir a se expandir e se concretizarem em contexto brasileiro, em vista de possíveis aproximações entre os trabalhos aqui presentes e, ainda, no sentido de juntos contribuirmos com questões educacionais específicas voltadas aos letramentos no Brasil e em outros países engajados nesta discussão.

Adriana Fischer

Nilcéa Lemos Pelandré

Maria de Lourdes Dionísio

## REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. (1952-1953/1979). In: BAKHTIN, M. (Ed.). *Estética da criação verbal*. Tradução do russo por Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 261-306.
- BARTON, D.; HAMILTON, M. Literacy practices. In: BARTON, David; HAMILTON, Mary; IVANIC, Roz. *Situated literacies: reading and writing in context*. London/New York: Routledge, 2000. p. 7-15.
- CASSANY, D. Lectura crítica. Workshop realizado em: III Jornadas Iberoamericanas sobre prácticas de lectura y escritura e II Foro Iberoamericano y aprendizaje. *Escribir y leer hoy en la escuela, la biblioteca y otros contextos sociales: prácticas e investigaciones*. Madri, La Casa Encendida, 2010.
- GEE, J. P. *Reading as situated language: a sociocognitive perspective*. Journal of adolescent and adult literacy, v. 8, n. 44, p. 714-725, 2001.
- GEE, J. P. Social linguistics and literacies. *Ideology in Discourses*. 2. ed. London/Philadelphia: The Farmer Press, 1999.
- GERALDI, J. W. João Wanderley Geraldi, um pesquisador fora das paredes de um aquário. *Web Revista Discursividade: estudos linguísticos*, n. 6, jul./dez., 2010. Entrevista concedida a Jauranice Rodrigues Cavalcanti e Marina Célia Mendonça. Disponível em: <<http://www.discursividade.cepad.net.br>>. Acesso em: 28 jul. 2010.
- GUTIERREZ, K. Promoting Transformative Learning through Syncretic Texts and Sociocritical Literacies. In: Dionísio, M. L.; Brandão de Carvalho, J. A.; Castro, R. V. (Org.). *Palestra realizada em: 16th European Conference on Reading and 1st Ibero-American Forum on Literacies. Discovering Worlds of Literacy*. Braga: Universidade do Minho, 2010.
- GUTIERREZ, K. Developing a sociocritical literacy in the third space. *Reading Research Quarterly*, v. 43. n. 2, p. 148-164, 2008.
- LANKSHEAR, Colin et al. Literacy and empowerment. In: \_\_\_\_\_. *Changing literacies*. Philadelphia: Open University Press, 2002. p. 63-79.



LEA, M. R.; STREET, B. V. The “Academic Literacies” model: theory and applications. *Theory into Practice*, v. 45, n. 4, p. 368-377, 2006.

LEA, M. R.; STREET, B. V. Student writing in higher education: an academic literacies approach. *Studies in Higher Education*, v. 23, n. 2, p. 157-172, 1998.

LILLIS, T. Student writing as “academic literacies”: drawing on Bakhtin to move from critique to design. *Language and education*, v. 3, n. 17, p. 192-207, 2003.